

## ENTRE PALAVRAS E BELEZA: A NARRATIVA MULTIFACETADA DE ANDREA BRUCHWITZ

Felipe Hoffman<sup>1</sup>

Andrea Bruchwitz, escritora independente, blogueira e redatora para a galeria de arte LUMAS, tem uma forma inusitada de enxergar a sua vocação: em uma entrevista de 2018 para o *blog* feminista K.H.<sup>2</sup>, ela afirma que sua vida gira em torno da beleza das palavras. No entanto, a relação de Andrea com a beleza, de um lado, e com as palavras, de outro, teve diferentes graus de importância ao longo de sua carreira, uma vez que já trabalhou como modelo por um período em que morou na Ásia, além de ter atuado como colunista para revistas femininas.

Essa sua forma singular de enxergar a vida fica clara quando uma amiga lhe pede para escrever um texto respondendo à pergunta “O que é beleza para você?”, como ela relata em seu *blog* em inglês<sup>3</sup>. Após ter queimado a mão enquanto fazia comida e ter se surpreendido com a capacidade do corpo de se curar por conta própria, descreve a forma como enxerga a beleza nas coisas mais banais: “*Vivemos em um corpo vívido, pulsante, autocurável, milagroso e inexplicável que já foi menor que um grão de areia. Esta é uma das mais elevadas visões de beleza que já vi, senti e experimentei.*”

Após a experiência de ter sido mãe, e também em decorrência do isolamento imposto pela pandemia de coronavírus nos últimos anos, Andrea começou a se dedicar com mais afinco ao seu amor às palavras e, por conseguinte, à sua carreira de escritora. É nesse contexto em que surge a obra “Mama, du bist nicht allein!” (2021) (em tradução livre, “Mãe, você não está sozinha!”) – coletânea de relatos sobre a maternidade de onde foi retirado o presente conto.

Através de uma narrativa em terceira pessoa, por vezes se utilizando do discurso indireto livre, Andrea faz o que sabe de melhor: com uma linguagem simples e convidativa, ela transforma o doloroso relato de uma mãe que não sente amor pelo seu bebê em razão de um grave quadro de depressão pós-parto em uma tocante história sobre a maternidade dissidente, que agora tenho o prazer de traduzir.

<sup>1</sup> Graduando em Letras. Bacharelado Português e Alemão (Estudos da Tradução).

<sup>2</sup> HEILEN, Katharina. Autorin Andrea Bruchwitz über Perlen statt Plunder, Mode und ästhetischen Minimalismus, Katharina Heilen, 22 de novembro de 2018. Disponível em: <https://katharinaheilen.com/autorin-andrea-bruchwitz-ueber-perlen-statt-plunder-mode-und-aesthetischen-minimalismus/>. Acesso em: 06 fev. 2023.

<sup>3</sup> BRUCHWITZ, Andrea. Hey You! You Have a Beautiful Soul. Mindful Mag. 26 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.mindful-mag.com/single-post/hey-you-you-have-a-beautiful-soul>. Acesso em: 06 fev. 2023.

Chama a atenção a naturalidade com que a autora trata do tema, que se faz presente já no título do conto. Aqui, longe de ser tido como algo natural para todas as mães, o amor da mãe por seu filho é apresentado como algo que precisa ser cultivado, assim como uma planta que precisa de cuidados para crescer e se desenvolver.

Nesse sentido, embora os verbos “wachsen” em alemão e “crescer” em português sejam frequentemente usados para se referir ao desenvolvimento dos seres vivos, é importante notar que eles não possuem exatamente o mesmo significado. O verbo “wachsen” é geralmente usado para descrever o desenvolvimento orgânico dos seres vivos como um todo, enquanto o verbo “crescer” se refere não apenas ao desenvolvimento orgânico, por exemplo, de uma planta, mas também a uma intensificação de emoções, como o título “O amor cresce com o tempo” poderia sugerir. Portanto, embora ambos os verbos possam ser usados em alguns contextos para descrever o desenvolvimento de seres vivos, cada um tem suas próprias nuances e diferenças em relação ao outro. Essa diferença representou um desafio para a tradução do título, que, pelas razões acima, também poderia ser “O amor se desenvolve com o tempo”.

Além disso, uma vez que na língua alemã o discurso formal se faz mais presente e é utilizado em mais contextos comunicativos do que no português brasileiro, a tradução dos pronomes de tratamento também representou um desafio, que foi contornado na tradução através do uso do respectivo pronome de tratamento mais comumente utilizado em contextos semelhantes no Brasil.

Uma vez amenizado o choque cultural que a tradução literal de tais pronomes poderia causar nos leitores brasileiros, deu-se prioridade ao choque causado pelo próprio conteúdo do relato. Nesse sentido, vale destacar um estranhamento que talvez seja inevitável para o leitor brasileiro: o fato de que, nos países de língua alemã, prioriza-se sempre que possível o parto normal em detrimento da cesárea. A insistência da equipe médica em tentar forçar Antonia a fazer um parto normal quase lhe custou a vida e a deixou com profundos traumas, mas essa é a prática obstétrica adotada nesses países.

Como fica claro a partir da leitura da obra *Mamãe desobediente*, de Esther Vivas, a gravidez, o parto e a amamentação são atos extremamente feministas. O conto de Bruchwitz reflete esse sentimento, enfatizando a importância de cultivar um vínculo amoroso entre mãe e filho, que não deve ser entendido como algo que acontece de forma automática. Isso reforçaria o mito da “boa mãe” tratado por Vivas ao abordar a pressão social que as mulheres sofrem para se encaixarem nesse papel idealizado de mãe perfeita e dedicada exclusivamente à maternidade. Ela argumenta que esse mito é prejudicial para as mulheres, que muitas vezes acabam se culpando e se sentindo inadequadas quando não conseguem cumprir essas expectativas irreais.

Embora aborde temas universais como o vínculo materno, tal conto também lida com questões culturais e obstétricas específicas da Alemanha, o que apresenta desafios de tradução e compreensão para leitores de diferentes países e línguas. É notável, portanto, a capacidade

da obra de Bruchwitz de superar esses desafios e se conectar com diferentes públicos. Sua tradução, por conseguinte, deve refletir essa universalidade, a fim de tornar a mensagem de Bruchwitz acessível para o leitor brasileiro – tarefa esta que espero ter sido bem-sucedida.

## LIEBE BRAUCHT ZEIT ZUM WACHSEN

«Der Muttermund ist keine zwei Zentimeter geöffnet.»

«Was? Noch nicht weiter?», fragt Antonia erschöpft.

«Leider nein», antwortet die Ärztin.

«Wir können die PDA erst einleiten, wenn es ungefähr vier Zentimeter sind. Es tut mir leid, Frau Meiss.»

«Wie lange dauert das?», presst Antonia unter Schmerzen hervor.

«Nicht mehr lange. Aber für eine Periduralanästhesie ist es noch zu früh, sonst kann es zu Komplikationen bei der Geburt kommen.»

Die Ärztin wirft einen kurzen Blick auf den Monitor.

«Aber keine Sorge, Ihrem Baby geht's gut.»

Antonia starrt nach oben an die Decke und krallt ihre Hand in die Matratze, dann wandert ihr Blick zur großen Wanduhr. Es ist schon acht Uhr morgens.

«Oh Gott, es tut so weh», stöhnt sie, «ich will doch einfach nur die PDA haben.»

Seit mehr als acht Stunden kämpft Antonia mittlerweile gegen Höllenschmerzen im Unterleib an. Mit jeder neuen Minute verstärkt sich der Schmerz und fühlt sich stechender, schlimmer und tiefer an. Es scheint beinahe, als wolle das Baby ihren Körper in zwei Teile reißen.

«Nein, ich kann nicht mehr! Es reicht! In den anderen Sälen kommt seit Mitternacht ein Baby nach dem anderen zur Welt, aber hier ist kein Ende in Sicht und ich will--»

Die letzten Worte verschluckt Antonia hinter einem großen Kloß im Hals, und wie so häufig in den letzten Stunden fängt sie bitterlich an zu weinen. Sie schluchzt vor Schmerzen, Erschöpfung, Müdigkeit und Hilflosigkeit.

Dieses Kind soll doch einfach nur rauskommen, denkt sie, und es ist ihr vollkommen egal, auf welche Art und Weise.

Bereits nach der Ankunft im Krankenhaus ahnte Antonia, dass sie keine leichte Geburt haben würde. Als sie mit ihrem Mann aufgeregt an der Rezeption ankam, wurde sie von den Krankenschwestern noch liebevoll belächelt. Eine Schwester zwinkerte ihr zu und sagte mit einem triezenden Unterton, dass die meisten Paare beim ersten Kind viel zu früh im Krankenhaus seien.

«Kommen Sie, Frau Meiss, ich bringe Sie erstmal auf ein Zimmer», sagte die nichts ahnende Schwester, «dann können Sie sich ausruhen und etwas schlafen.»

Doch schon im nächsten Moment, als Antonia vor der Rezeption zusammenbrach und ihre Schreie durch den ganzen Flur hallten, war die Schwester alarmiert und holte den Stationsarzt.

«Es geht gleich los! Sofort in den Kreißsaal!», rief der Arzt.

Genau in diesem Moment, als die Uhr um Mitternacht schlug, begannen die schlimmsten Stunden ihres Lebens, denn trotz eines unermüdlichen Kampfes öffnete sich der Muttermund die ganze Nacht lang keinen Zentimeter.

Es geht gleich los?

Von wegen.

Antonia bekam zwar ein leichtes Schmerzmittel verabreicht, allerdings konnte sie die Wirkung davon rocht im Geringsten spüren.

«Die Ärzte geben mir Buscopan?», rief sie wütend.

«Soll das jetzt ein Witz sein? Das nehme ich gegen Regelschmerzen. Diese Wehen sind tausendmal schlimmer als meine stärksten Regelschmerzen!»

Zu diesem Zeitpunkt müsste es etwa vier Uhr morgens gewesen sein.

In den darauffolgenden Stunden saß Antonia in einer Geburtsbadewanne, um sich zu entspannen, doch der Muttermund blieb hart und verschlossen. Danach kamen die Ärzte auf die Idee, ihre Wehenschmerzen mit Lachgas zu lindern, aber schon nach wenigen Minuten brüllte Antonia vor Schmerzen nicht mehr in den Raum hinein, sondern in die transparente Atemmaske.

Es war wie in einem Horrorfilm.

Von der darauffolgenden Medizin, die nun endlich den Muttermund öffnen sollte, wurde Antonia speiübel. Ihre Hebamme hatte einmal gesagt, dass man vor der Geburt möglichst viel essen solle, und so kam alles in mehreren Schüben wieder raus, bis auf den allerletzten Bissen.

Antonia musste sich fünfmal übergeben, vermutlich wegen der unverträglichen Medizin, vielleicht aber auch wegen der zunehmenden Angst, diese Geburt nicht zu überleben.

«Mir reicht», kann ich jetzt die PDA haben? Es ist acht Uhr morgens.»

Antonia richtet sich entschlossen auf und winkt ihren Ehemann ans Bett heran.

«Ich kann nicht mehr, Jonas, es hilft alles nichts», protestiert sie und schaut bettelnd zu den Ärzten.

«Bitte... bitte!»

Jonas starrt sie mit geröteten Augen an und streichelt ihr liebevoll die Stirn. Auch ihm scheint die Frage durch den Kopf zu gehen, wie seine Frau nach einer schlaflosen Nacht mit entleertem Magen ein Kind zur Welt bringen soll.

«Schatz, du bekommst eine PDA», sagt er tröstend, «aber wir müssen erstmal auf vier Zentimeter kommen, okay?»

Antonia lehnt sich erschöpft zurück und zieht sich die dünne Decke über den Kopf. Während ihrer Schwangerschaft hatte sie alle Frauen belächelt, die während einer Geburt nach Schmerzmitteln oder sogar einer Anästhesie verlangten. In ihrer positiven Zuversicht war Antonia davon überzeugt gewesen, dass man das Gebären eines Kindes auch ohne Narkose

schaffen würde, und ein wenig Schmerz gehörte doch zu einer Geburt dazu. In ihrer ganzen Familie gab es nur schnelle Ruck-Zuck-Geburten mit wenig Aufsehen. Anästhesie, Medikamente und riskante Spritzen ins Rückenmark - das erschien ihr alles übertrieben. Immerhin gebarten Frauen seit Jahrtausenden auf natürliche Art und Weise ihre Kinder, sagte Antonia dann stets zu ihren Freundinnen, das konnte doch alles nicht so schwer sein.

Nie wieder in ihrem ganzen Leben wird sie solch absurde Dinge sagen, denkt sie, und krallt sich wieder in die dünne Matratze hinein.

«Ich kann nicht mehr, wann ist das endlich vorbei?», ruft sie hysterisch.

«Frau Meiss, wir haben es fast geschafft. Sie beide müssen jetzt nochmal stark sein», mahnt der Arzt und schaut Jonas mit Nachdruck an.

Antonia lehnt sich verzweifelt zurück und schließt die Augen, während sie die streichelnde Hand ihres Mannes am Unterarm spürt. Sie versucht mit aller Mühe, ihre Aufmerksamkeit von den Wehen wegzulenken und sich auf die zarten Berührungen von Jonas zu konzentrieren.

Aushalten, einfach nur aushalten, bis alles vorbei ist.

Und nach zwei weiteren qualvollen Stunden ist es endlich soweit: Um zehn Uhr morgens erbarmt sich ihr Körper und öffnet den Muttermund vier Zentimeter weit. Ein Anästhesist drückt ihr die rettende Spritze in die Wirbelsäule, dann breitet sich eine angenehme Taubheit im Rücken aus und legt sich sanft über den Bauchnabel, den Unterleib und die Oberschenkel. Mit müden Augen schaut Antonia zu Jonas und greift nach seiner Hand. Die Schmerzen lassen nach.

Endlich Ruhe.

\*\*\*

«Jonas? Bist du da? Ich spüre... wieder irgendetwas», stottert Antonia.

Voller Entsetzen reißt sie ihre Augen auf und krümmt den Oberkörper nach vorne. Noch immer liegt sie im gleichen Bett, im gleichen Zimmer, und der Muttermund bleibt verschlossen. Seit der Ankunft im Krankenhaus sind mittlerweile sechzehn Stunden vergangen und die Geburt zieht sich in den Nachmittag des nächsten Tages hinein. Das Krankenhauspersonal hat sie einen Moment alleine gelassen, damit sie sich ausruhen kann.

«Entschuldigung? Hallo?», ruft Antonia in Richtung des Flures.

«Ich glaube, meine PDA lässt nach!»

Mit entsetzten Augen springt Jonas von seinem Stuhl auf und rennt in den Flur, um Hilfe zu holen. Der Stationsarzt betritt den kleinen Raum mit einem Klemmbrett in der Hand.

«Die PDA... mal sehen... Frau Meiss, das kann nicht sein», sagt der Arzt flüchtig und schüttelt mit dem Kopf.

«Doch, das kommt bestimmt vom Wehenverstärker», wimmert Antonia.

«Hey! Meine Frau hat starke Schmerzen», zischt Jonas mit einem wütenden Unterton, «das denkt man sich doch nicht aus! Sie zittert am ganzen Körper, sehen Sie das nicht?»

«Doch, aber die Dosierung sollte--»

«Holen Sie jetzt den Anästhesisten», sagt Jonas ungeduldig und tritt an den Arzt heran.

Antonia wischt sich mit der Hand eine Träne von der Wange und bewegt kaum sichtbar ihre Lippen.

*Danke.*

Mittlerweile ist sie am Ende ihrer körperlichen Kräfte angelangt und hat schon längst das Gefühl für Raum und Zeit verloren. Niemals hätte sie gedacht, dass die Geburt ihrer Tochter so langsam und schmerzhaft vorangehen würde.

Als der Anästhesist den Raum betritt, eilt Jonas zu ihm und bittet ihn darum, den Katheter zu überprüfen. Antonia kann das Geschehen mit trüben Augen wahrnehmen, aber die Silhouetten und Gesichter verschwimmen langsam ineinander.

«Meine Frau hat wirklich starke Schmerzen», hört sie ihren Mann vorwurfsvoll sagen, und dann glaubt sie sogar, ihn weinen zu hören.

Im nächsten Moment spürt sie ein heftiges Piksen und Ruckeln am unteren Rücken.

«Wie kann das passieren?», schimpft jemand verärgert.

Tatsächlich ist der Führungskatheter verrutscht und die Betäubung hat nachgelassen.

«Was ist passiert?», fragt sie verwirrt.

«Es wird gleich besser», flüstert Jonas leise.

Antonia verspürt den inneren Drang, sich lauthals über das medizinische Personal zu beschweren, und wütend in die Runde zu brüllen, aus welchem Grund sie sich diese Horrorschmerzen ausdenken sollte. Doch schon beim Luftholen erinnert sie ihr schwacher Körper daran, dass sie ihre letzten Kräfte nicht verschwenden darf.

Als sie ihren Kopf niedergeschlagen nach rechts zum Fenster neigt, bemerkt sie, dass es draußen dunkel wird.

«Die zweite Nacht», jammert sie leise.

Nach einigen Minuten kommt der Stationsarzt in den Raum und tritt mit erwartungsvoller Miene an sie heran.

«Frau Meiss, Sie sollten jetzt nichts mehr spüren. Die zweite PDA ist gelegt.»

«Ja, langsam geht's besser. Gott sei Dank.»

«Wollen wir es nochmal probieren?»

«Was? Wie? Noch ein Versuch?»

«Ja, Ihrem Baby geht es wunderbar und der Muttermund ist schön weit geöffnet. Wir wären dann soweit.»

Antonia blickt die motivierend nickende Hebamme an und sucht in den müden Augen von Jonas nach einem Anhaltspunkt. Was erwarten all diese Menschen, denkt sie, nachdem sie ihre letzten Energiereserven in den letzten zwanzig Stunden längst aus sich rausgebrüllt hat.

«Die Schmerzen sind immerhin weg», brummt sie.

Nein, sie kann jetzt nicht mehr abwägen oder angemessen reagieren, sondern muss nur noch ein einziges Mal funktionieren, damit sich dieser Albtraum endlich dem Ende zuneigt.

«Gut, von mir aus.»

In diesem Moment bemerkt Antonia, dass etwas in ihrem Inneren immer leiser wird und langsam verschwindet. Vorfreude, Ungeduld, Frustration, Hoffnung und Wut - all das weicht einer sonderbaren Gleichgültigkeit. Antonia spürt innerlich rein gar nichts mehr. Es fühlt sich an, als würde sie ihren schwachen Körper runter sich lassen und ihre Präsenz in der Gegenwart mit einem Schalter ausknipsen, einfach nur, um diese Geburt irgendwie zu überleben.

\*\*\*

«Kommen Sie, nur noch einmal! Sie schaffen das!»

Die Geburt hat sich in die zweite Nacht hineingezogen. Antonia war schon am frühen Abend am Ende ihrer körperlichen Kräfte, aber nun fühlt es sich an, als ob sie keinen einzigen Tropfen Leben mehr in sich trägt.

«Ich habe doch gesagt, ich will einen Kaiserschnitt», schluchzt Antonia.

Verzweifelt blickt sie in die verschwommenen Gesichter über dem Bett, doch niemand hört auf sie, und es scheint ihr unmöglich, all die verstörenden Gedanken auszusprechen, die ihr gerade durch ihren Kopf gehen.

*Seht ihr alle nicht, wie schlecht es mir geht?*

*Wie lange soll ich mich noch für dieses Baby aufopfern?*

*Warum wollt ihr mich zu einer natürlichen Geburt drängen?*

Die Hebamme tritt näher an sie heran und nimmt ihre Hand.

«Nur noch einmal, Frau Meiss! Los! Sie schaffen das!»

«Nein, ich will einfach nur, dass das Kind rauskommt! Die zweite PDA lässt auch schon wieder nach Antonia würde so gerne lauter protestieren, weinen, brüllen und wütend den Raum verlassen, aber sie ist in ihrem geschundenen Körper gefangen und kann kaum noch reagieren.

«Es muss aufhören», schreit Antonia.

Plötzlich steigen Todesängste ihre Kehle hoch. Es fühlt sich an, als würde ihr Körper in einen bewusstlosen Schutzmodus verfallen, indem es nur noch ums reine Überleben geht. Kurz vor der Ohnmächtigkeit ruft Antonia noch einmal die gleichen Worte.

«Ich will einen Kaiserschnitt. Gebt mir dieses Dokument... ich unterschreibe.»

Mit Tränen in den Augen schaut Antonia zu Jonas und wirft ihm einen flehenden Blick zu. Ohne Worte erzählen ihre glasigen Augen davon, wie hilflos sie ist und was nun getan werden muss.

Jonas nickt ihr liebevoll zu und packt den Arzt an der Schulter.

«Haben Sie nicht gehört? Sie will einen Kaiserschnitt!»

Antonia atmet erleichtert auf.

«Hören Sie? Wir machen jetzt einen Kaiserschnitt. Meine Frau liegt seit zwei Nächten in den Wehen. Jetzt, sofort!»

«Sind Sie beide sicher? Frau Meiss...?»

Mit einem hastigen Nicken und einer Handbewegung, die eine Unterschrift andeutet, verlangt Antonia nach dem Dokument. Ein Kaiserschnitt ist zwar das letzte, was sie sich gewünscht hat, aber sie muss dieses Baby einfach nur gebären, loswerden, abgeben, und den Höllenschmerz nach mehr als dreißig Stunden beenden.

Das Papier macht leise Knittergeräusche, die schwarzen Buchstaben verschwimmen vor ihren Augen und kurz nach dem Unterschreiben knickt Antonia benommen weg. Dann geht alles ganz schnell Antonia nimmt einen anderen Raum wahr, mit grellen Lampen und fremden Gesichtern, und dann noch mehr Taubheit am ganzen Körper.

« Jetzt gut festhalten», sagt die Hebamme irgendwann.

«Ist es endlich vorbei? »

«Sehen Sie, hier ist Ihre Tochter. »

Als ihr das Mädchen auf die Brust gelegt wird, versucht Antonia mit aller Mühe, in die Gegenwart zurückzufinden, doch ihre Augen fallen zu.

«Schatz, du hast es geschafft», flüstert Jonas.

Wenige Momente später hört sie das glückliche Schluchzen ihres Mannes, der seine Tochter zum ersten Mal in den Armen hält.

«Sie ist wunderschön», sagt er überwältigt.

Doch Antonia kann dem Baby keine Aufmerksamkeit schenken und fällt beinahe in einen Dämmer Schlaf.

«Es ist endlich vorbei», murmelt sie erleichtert.

Kurz vor dem Einschlafen realisiert Antonia, dass sie gerade zum ersten Mal ihre Tochter auf der Brust gespürt hat, doch sie empfindet keinerlei Freude oder Überwältigung, kein Mutterglück und vor allem keine Liebe.

Nichts.

\*\*\*

«Mensch, Frau Meiss! Sie sollten zufüttern! Das Baby verliert doch mit jedem Tag mehr an Gewicht.»

Die Krankenschwester stellt Antonia ein Glas Wasser ans Bett und beobachtet das Neugeborene, dann tritt sie näher an die Krippe heran und deckt das Mädchen zu.

«Danke, aber ich möchte nicht zufüttern», antwortet Antonia genervt und verdreht die Augen.

In den letzten drei Tagen hat sie sich schon mehrmals mit der Schwester angelegt. Die beiden können sich seit der Geburt nicht leiden.

«Warum nicht? Es wäre das Beste für Ihr Baby.»

«Weil Lily dann noch schlechter meine Brust nimmt. Meine Güte, das Stillen ist schon schwer genug.»

«Das ist ja genau das Problem. Mit dem Stillen klappt es bei Ihnen so gut wie gar nicht. Das Baby nimmt die Brust nicht mal.»

Mit einem Kopfschütteln verlässt die Krankenschwester den Raum und zieht die Tür hinter sich zu.

«Jaja, ich weiß, ich mache alles falsch», murmelt Antonia.

Seit der Geburt liegt sie ganz alleine in diesem winzigen Zimmer, ohne ihren Mann, ihre Eltern oder ihre Schwestern. Wegen der strengen Sicherheitsmaßnahmen während der Corona Pandemie ist jeglicher Besuch untersagt.

«Ich war so naiv... ich bin davon ausgegangen, dass du einfach trinkst», sagt sie trotzig zu ihrer Tochter.

Lily schläft selig in der Krippe neben ihrem Bett. Antonia beobachtet das kleine Mädchen eine Weile und zuckt plötzlich zusammen.

«Autsch!»

Ein stechender Schmerz fährt durch ihre rechte Brustwarze, und Antonia presst sich die flache Hand auf den Mund, um keinen Laut von sich zu geben.

Sie fürchtet den Moment, in dem die Krankenschwester wieder hereinkommt und ihr Lily auf die Brust legt, um das schmerzhaftes Stillen erneut zu probieren. Es klappt einfach nicht.

Die Krankenschwester sagte ihr beim letzten Mal mit einem bevormundenden Unterton, dass die Muttermilch von ganz alleine fließen würde, wenn man das Baby nur richtig anlegt, in der richtigen Position, mit viel Gefühl und Zärtlichkeit.

«Vielleicht nimmt ein perfektes Baby in einer perfekten Welt sofort die Brust, aber ich habe scheinbar keine perfekten Brustwarzen», antwortete Antonia genervt.

Wegen der Kaiserschnittnarbe kann sie das Baby nicht alleine hochheben, und so ist sie dem Krankenhauspersonal völlig hilflos ausgeliefert. Jeder Bewegungsversuch ohne fremde Hilfe scheitert kläglich. Ihre Wunden im Unterleib brennen vor Schmerzen und sie kann sich nur mit Mühe bewegen. Durch den Schweiß und das tagelange Liegen sind ihre Haare mittlerweile so verheddert, dass sie mit einer normalen Haarbürste nicht mehr durchkommt.

Noch immer trägt Antonia den blauen Krankenhauskittel und ihre liebevoll gepackte Krankenhaustasche hat sich als völlig nutzlos erwiesen. Am vorigen Abend wollte sie ein neues Paar Socken anziehen, doch ihre Füße waren völlig aufgequollen. Die eingepackten Unterhosen drückten auf die Kaiserschnittnarbe und der Wollpullover hatte einen zu engen Halsausschnitt. Lieber hätte sie ein großes Stilloberteil mit einem weiten Ausschnitt einpacken sollen.

«Wahrscheinlich bin ich die Einzige, die schon beim Packen alles falsch gemacht hat», murmelt Antonia, «ich will endlich hier raus».

Dummerweise darf ihr wegen der Corona-Pandemie auch niemand etwas vorbeibringen. Sie greift nach ihrem Smartphone, doch dann legt sie es seufzend wieder beiseite. Die Telefonate mit ihrer Familie sind nicht so aufmunternd, wie sie sich anfangs erhofft hat, denn ständig soll sie bloß etwas über das Baby erzählen. Noch immer wartet Antonia darauf, dass jemand nach einer zweitägigen Geburt, bei der sie mehrmals Todesängste hatte, nach ihrem Wohlbefinden fragt.

*Du Arme! Hauptsache, dem Baby geht's gut!*

*Wenn du Lily anschaust, vergisst du den Schmerz, oder?*

*Klappt es mit dem Stillen? Nimmt die Kleine endlich die Brust?*

Nein, sagt Antonia dann im Geiste, ein solches Trauma verschwindet nicht einfach, nur weil sie verzückt ein Baby anschaut. Es ist enorm anstrengend, darauf zu antworten, ob sie schon an den kleinen Babyfüßen gerochen und sich vollends verliebt hat. Nein, nein, und nochmals nein.

Noch immer empfindet sie nur Gleichgültigkeit, Erschöpfung und Verdruss gegenüber Lily.

Wenn die Kleine auf ihrer Brust einschläft, spürt Antonia nicht die erhoffte, alles umfassende Mutterliebe. Dazu hängt ihr die schreckliche Geburt noch viel zu stark in den Knochen.

Plötzlich rinnen zwei Tränen über ihre Wangen, und dann bemerkt sie, dass sie zumindest eines in den letzten Tagen dazugelernt hat: leise zu weinen.

Die Geburt ihres Kindes sollte eigentlich der schönste Moment in ihrem Leben werden, aber nun liegt sie vollkommen alleine und hilflos in einem sterilen Zimmer und fühlt sich wie eine Gefangene im eigenen Körper. Der Kontrast zwischen Erwartung und Realität hätte größer nicht sein können.

«Warum immer ich?», schluchzt Antonia und dreht sich auf die andere Seite, mit dem Rücken zu ihrer Tochter.

Scheinbar bestraft sie das Universum mit schlimmen Symptomen, die keine andere Frau auf dem Planeten erleidet.

Schon während der Schwangerschaft hatte Antonia ähnliche Gedanken, denn sie litt unter furchteinflößenden Beschwerden, von denen ihr niemand vorher erzählt hatte. Als schwangere Frau hatte sie nicht den berühmten «Glow» im Gesicht, eher im Gegenteil: Antonia fühlte sich wie eine kränkliche Großmutter, die schon nach wenigen Treppenstufen keuchen und sich andauernd hinsetzen musste. Ihre Haut spielte vollkommen verrückt und sie hatte von morgens bis abends Rückenschmerzen. Zudem litt sie unter Sodbrennen und etwas Merkwürdiges geschah mit ihrem Schließmuskel, denn es gab Momente, in denen der Stuhl einfach durchrutschte, direkt in die Unterwäsche hinein.

Nein, in keinem Mama-Blog oder Ratgeberbuch hatte sie jemals davon gelesen.

Im Geburtsvorbereitungskurs gaben einige Frauen erst nach wiederholtem Nachfragen zu, dass sie mit ähnlichen Problemen zu kämpfen hatten - oder mit anderen Sorgen, von denen Antonia glücklicherweise verschont blieb. Es waren die gleichen Frauen, die anfangs davon schwärmten, wie wundervoll eine Schwangerschaft sei.

Antonia fand es verblüffend, was für ein verklärtes Bild des Schwangerseins in großen Teilen der Gesellschaft kursierte - und wie das Leben von ohnehin schon leidenden Frauen dadurch erschwert wurde. Nur durch ständiges Nachbohren fand sie allmählich heraus, dass nicht jede Frau ihre Schwangerschaft in vollen Zügen genießt.

Nein, nicht jede Frau ist mit einem kugelrunden Bauch und geschwollenen Füßen übergücklich.

Viele Frauen setzen sich eher mit der Frage auseinander, wann diese unangenehme Phase endlich aufhört. Nicht nur während der Schwangerschaft, sondern auch nach der Geburt.

«Verdammt, es reicht mit diesem Schöngerede», flucht Antonia und rappelt sich im Krankenhausbett auf.

Mit zitternden Händen greift sie nach dem Smartphone, um ihre Schwester anzurufen. Vanessa arbeitet als Krankenschwester in einem anderen Krankenhaus und lässt sich durch nichts aus der Ruhe bringen.

«Vanessa?»

«Huhu», flötet ihre Schwester, «alles gut bei dir?»

Antonia beißt sich auf die Lippen. Sie weiß nicht genau, was sie gerade tut, aber ihre Stimme redet von ganz alleine weiter.

«Geht so... kannst du diese Woche bei uns schlafen?»

«Was ist denn los?»

«Die Entlassung ist erst in drei Tagen, aber ich muss hier raus. Das Krankenhaus ist schrecklich und ich möchte in meinem eigenen Bett gesundgepflegt werden.»

«Oh, okay! Geht es der Kleinen denn gut?»

«Ja... es ist wegen mir. Ich bin total alleine und das Baby... ich weiß auch nicht. Es klappt einfach gar nichts. Ich soll Lily versorgen, aber ich habe keine Ahnung, wie das gehen soll. Und ich fühle gar nichts für dieses Baby.»

Vanessa hält einen kurzen Moment inne, dann ändert sich die Tonalität ihrer Stimme.

«Ich verstehe... lass mich ein paar Anrufe machen, ja? Ich bin für dich da und komme so schnell wie möglich.»

«Danke. Ich drehe durch, wenn du mich hier nicht rausholst. Ich fühle mich wie in einem Gefängnis.»

«Wir schaffen das, okay? Ich hole dich nach Hause. In erster Linie muss es dir als Mutter gutgehen, damit es deinem Kind gutgehen kann.»

«Ja, ich weiß», stammelt Antonia, «aber ich kann einfach nichts mit ihr anfangen. Sie ist mir immer noch total fremd, das ist doch komisch.»

«Keine Sorge, das geht vielen Müttern so. Du bist nicht die Einzige. Du bleibst bitte erstmal in deinem Bett liegen und ruhst dich aus, bis ich dich zurückrufe. Verstanden?»

An der Reaktion ihrer Schwester erkennt Antonia, dass sie tatsächlich nicht die einzige Mutter ist, die mit ihren Muttergefühlen hadert. Vanessa verändert in einigen Situationen ganz subtil ihre Art zu sprechen. Der Klang ihrer Worte hört sich dann professioneller an und sie spricht mit einer routinierten Autorität. Das macht sie nur bei Themen, die ihr häufiger im Krankenhausalltag begegnen.

«Toni, ich rufe dich so schnell wie möglich zurück!»

«Danke», antwortet Antonia erleichtert, dann umschließt sie das Smartphone mit beiden Händen und drückt es an ihr Herz.

Zum ersten Mal seit der Geburt spürt sie ein heftiges Gefühl in sich aufsteigen, das sie mit einem schweren Schlucken wieder herunterdrängen will. Doch die hochwirbelnde Emotion gelangt an die Oberfläche, und mit einem Mal wird Antonia bewusst, dass sie tatsächlich nicht die geringste Form von Mutterliebe empfindet. Es herrscht eine große Leere in ihrem Herzen, obwohl sie sich so sehr darauf gefreut hat, endlich Mutter zu werden. Antonia hat seit Jahren darauf hingearbeitet, schwanger zu werden, und Lily war ein lang ersehntes Wunschkind.

Nur im vertrauten Gespräch mit ihrer Schwester kann sie die verstörenden Gedanken zulassen und sich ernsthaft damit auseinandersetzen: Warum fällt es ihr so schwer, sich emotional auf dieses Baby einzulassen? Und vor allem: Wie kann man als Mutter sein eigenes Kind nicht lieben?

\*\*\*

Wie die meisten Frauen ging Antonia davon aus, dass sich Mutterliebe ganz von selbst mit der Geburt des Kindes entfaltet, doch dem war nicht so. Die ersten Tage und Wochen im

eigenen Zuhause waren für Antonia enorm anstrengend und die große Leere in ihrem Herzen verschwand nicht. Jeden Morgen, wenn sie ihre Tochter ansah, fühlte sie sich wie ein gefühlloser Roboter, der das Baby mechanisch wickeln, umziehen, schaukeln und stillen musste.

Antonia konnte mit dem Finger nicht auf die Ursache zeigen, aber sie vermutete, dass die traumatische Geburt etwas mit ihrer Psyche angestellt hatte. War sie währenddessen in eine Art Schutzmodus gerutscht, aus dem sie alleine nicht mehr herauskam? Allerdings sagte ihre Schwester, dass auch Frauen mit einer unkomplizierten in solch ein Gefühlsloch fallen konnten.

Vielleicht wurde Antonia wegen den anhaltenden Schmerzen beim Stillen auch von einer längeren Wochenbettdepression heimgesucht. Wer wusste das schon? Und welchen Unterschied würde es machen, diese dunkle Zeit zu benennen?

Während der Schwangerschaft hatte Antonia gelesen, dass jede siebte Frau von einer Wochenbettdepression betroffen war - aber sie hatte damals nur die Augen verdreht und den Artikel schnell wieder beiseitegelegt. Sie fand den Gedanken verrückt, dass man sein eigenes Kind nach der Geburt nicht lieben konnte. Niemals hätte sie gedacht, dass sie selbst einmal davon betroffen sein könnte.

Auch zu Beginn des zweiten Monats fühlte Antonia mit jedem neuen Tagesanbruch eine dunkle Leere in sich. Ihr eigener Körper war ihr völlig fremd und sie musste immerzu darauf achten, keine hektischen Bewegungen zu machen, um sich vor Stößen zu schützen.

Jonas nahm häufig erst gegen Mitternacht seine erste warme Mahlzeit ein. Er wollte seiner ausgelaugten Frau möglichst viel Arbeit abnehmen, und dennoch musste er mit gebrochenem Herzen dabei zusehen, wie schlecht es ihr ging. Er kam emotional einfach nicht mehr an sie heran.

Es war keine leichte Zeit für die kleine Familie.

Auch Antonias Mutter äußerte gelegentlich ihre Bedenken: «Du verhältst dich merkwürdig, Kind. Du bist doch gar nicht mehr wirklich hier, oder?»

Doch Antonia zuckte nur emotionslos mit den Schultern und konzentrierte sich schnell wieder auf das, was nötig war: funktionieren, funktionieren, funktionieren. Wickeln, Umziehen, Schaukeln, Stillen, und alles wieder von vorne.

Lediglich mit ihrer Schwester sprach sie heimlich über ihre Zweifel, und das erschien ihr schon schwer genug. Es ergab für sie keinen Sinn, noch mehr unwissende Leute einzuweihen, weder ihre Mutter noch ihren Ehemann.

Was hätten die beiden auch tun sollen?

Immerhin sahen sie alle, dass in ihrem Leben das absolute Chaos herrschte. Beim Stillen musste Antonia vor Schmerzen weinen, denn Lily biss die offenen Wunden an ihren Brustwarzen immer wieder auf, und jedes Mal verkrampfte sich ihr Körper von oben bis unten. Antonia schlief kaum und fand keine Zeit mehr zum Essen oder Duschen. Die kleine Lily war rund um die Uhr auf sie angewiesen, denn sie wollte ständig umsorgt und gestillt werden.

Abgesehen davon, dass Antonia auch im zweiten Monat noch keine emotionale Bindung zu ihrer Tochter spürte, fühlte sie sich zunehmend in die Enge getrieben. Gelegentlich schäumte sie vor Eifersucht, wenn Jonas spontan das Haus verließ oder kurz bei einem Freund vorbeischaute.

Einfach losgehen und alles liegen lassen, das würde für Antonia in den nächsten Jahren nicht mehr möglich sein. Dieser Gedanke jagte ihr eine fürchterliche Angst ein und nahm ihr die Luft zum Atmen.

\*\*\*

Acht Wochen nach der Geburt eskalierte die Situation, denn Antonia konnte die schützende Fassade nicht länger aufrechterhalten. Es geschah an einem regnerischen Mittwochnachmittag, als ihre Mutter zu Besuch war. Die beiden tranken gemeinsam einen Tee und irgendwann stand Antonia auf, um die Zuckerdose aus dem Küchenschrank zu holen. Dabei offenbarte sich eine große Packung Milchpulver.

«Mensch, Antonia», rief ihre Mutter empört, «du musst dein Baby doch stillen.»

Mit einem vorwurfsvollen Kopfschütteln stellte sie ihre Teetasse ab und wartete auf eine Erklärung ihrer Tochter.

«Ach Mama, lass mich einfach», antwortete Antonia genervt.

Mit einer leichten Handbewegung wollte sie das unangenehme Thema abhaken und weiter über die angenehm trivialen Alltagsprobleme ihrer Mutter sprechen.

«Nein, ehrlich! Du kannst doch kein Milchpulver nehmen. Was tust du deinem Kind da an? Meine Güte!»

«Mama», zischte Antonia, «ich habe weniger als drei Stunden geschlafen.»

«Dein Baby braucht deine Muttermilch und die ganzen Antikörper», protestierte ihre Mutter, «das ist wie eine natürliche Impfung. Du willst doch kein krankes Kind mit lauter Allergien großziehen.»

In diesem Moment zuckte Antonia vor Schmerzen zusammen. Die Wunde an ihrer linken Brustwarze, an der sich gerade eine Blutkruste gebildet hatte, flammte wieder auf. Antonia verstand das Warnsignal ihres Körpers.

«Mama, es reicht jetzt!», schimpfte sie.

«Ich wollte dir eigentlich nicht erzählen, dass ich eine Stillpause mache, weil ich wusste, dass du mich verurteilst! Ich habe mich sogar geschämt, aber weißt du was? Das ist mir alles völlig egal. Ich muss gar nichts! Ich muss mir selbst nichts beweisen, und vor allem muss ich dir nichts beweisen. Ich kann selbst über meine Brüste und meinen Körper entscheiden und ich mache nichts mehr, was mir wehtut. Das habe ich viel zu lange gemacht. Wenn ich momentan nicht stillen will, dann ist das eben so. Punkt. Das heißt nicht, dass ich selbstsüchtig bin, oder eine schlechte Mutter.»

«Aber Antonia, ich wollte doch nur--»

«Was wolltest du, Mama? Du hast seit der Geburt immer nur gefragt, wie es Lily geht. Lily, Lily, Lily! Denkst du wirklich, dass ich die schreckliche Geburt sofort wieder vergesse, nur weil ich das Baby angucke? Das ist völliger Blödsinn! Warum erwartet ihr alle von mir, dass ich so tue, als hätte es diese Horrorgeburt nie gegeben? Ich habe langsam echt genug davon, dass es immer nur um das Baby geht. Ich habe wirklich gelitten, und ich dachte sogar, ich muss sterben.»

Und genau in diesem Moment, als Antonia in die glasigen Augen ihrer Mutter blickte, platzte der innere Knoten mit einem lauten Knall. Ihre Seele öffnete sich und das verletzte «Ich» drang zurück an die Oberfläche. All die Schutzmechanismen der letzten Wochen brachen in sich zusammen und Antonia verstand plötzlich, dass sie ihre ambivalenten Emotionen zulassen musste, um vorwärts zu kommen. Sie musste ihre negativen Gefühle endlich annehmen und sich eingestehen, dass ihr kleines Baby in vielerlei Hinsicht für Enttäuschung, Wut und Erschöpfung sorgte.

Und vor allem musste sie akzeptieren, dass Mutterliebe nicht bei allen Frauen naturgegeben war.

Niemals hätte sie damit gerechnet, denn ihre Eltern waren über dreißig Jahre lang glücklich verheiratet. Seit ihrer Kindheit kannte Antonia nur Harmonie und bedingungslose Unterstützung innerhalb der Familie - und dennoch war gerade sie es, die keine Mutterliebe empfinden konnte.

Sie gehörte nun einmal zu dieser Gruppe von Frauen, ob sie es wollte oder nicht.

Die Erfahrungen der letzten Wochen lehrten sie, dass sich einige Frauen der Mutterschaft langsam annähern mussten, um die Liebe zum eigenen Kind aus dem Nichts zu erschaffen. Es war noch nicht abzusehen, wie lange es bei ihr dauern würde, vielleicht einen Monat oder ein ganzes Jahr. Antonia wusste lediglich, dass sie ganz vorsichtig und geduldig sein musste, vor allem in solch schwierigen Zeiten, in denen sie sich selbst nicht mehr wiedererkannte.

«Tut mir leid, das wollte ich nicht», sagte ihre Mutter bedrückt und riss sie aus ihren Gedanken heraus.

«Wenn du nicht stillen möchtest, dann ist das natürlich deine Entscheidung. Ich wusste nicht, dass es so schlimm wehtut. Sonst ist aber alles in Ordnung?»

«Ist schon gut, Mama», antwortete Antonia sanft.

Es war ein innerer Kampf, der so aufreibend und intensiv war, dass sie die ganze Wahrheit nur in die vertrauten Hände ihrer Schwester legen wollte.

Antonia stellte die Zuckerdose leise auf den Tisch und beugte sich etwas nach vorne, um ihren Tee zu süßen. Beim Hochschauen bemerkt sie, dass ihre Schwester stillschweigend im Türrahmen stand.

Vanessa hatte die Situation beobachtet und nickte ihr aufmunternd zu.

*Es ist in Ordnung, Toni, du musst ihr nicht alles erzählen.*

*Dafür bin ich doch da.*

«Schau» mal, Mama, da kommt ein Überraschungsgast!»

Mit einem sanften Lächeln bedankte sich Antonia bei ihrer großen Schwester und winkte sie erleichtert in die Küche herein.

In ihren abendlichen Telefonaten hatten Antonia und Vanessa schon mehrmals darüber gesprochen, wie viele Mütter diesen Kampf heimlich mit sich austrugen - und warum in den Vorbereitungskursen nur selten darüber gesprochen wurde.

\*\*\*

Es war ein harter Weg, den Antonia in den darauffolgenden Wochen gehen musste, aber sie nahm sich viel Zeit und meisterte die Herausforderung in ihrem eigenen Tempo. Nach der Stillpause tastete sie sich ganz vorsichtig an die nächsten Versuche heran. Mit dem Wissen, dass sie selbst über ihren Körper entscheiden und jederzeit wieder aufhören konnte, klappte es auf Anhieb mit dem Stillen, und mit jeder Woche kam ein wenig mehr Routine dazu.

Dann wollte Antonia vorsichtig erkunden, wie die Liebe zu ihrem Kind im Alltag aussehen könnte und sich daran langsam gewöhnen. Mit jedem Tagesanbruch entschied sie sich erneut dazu, ihr Baby lieben zu wollen, und sie sagte jeden Morgen ganz bewusst die Worte «Ich liebe dich» zu ihrer Tochter, sogar in jenen Momenten, in denen sie noch nichts fühlen konnte. Von Tag zu Tag glaubte Antonia mehr daran, dass sie eine wundervolle Mutter sein würde, obwohl sie die Bindung noch nicht intensiv spüren konnte und sich stetig vorarbeiten musste. Es war doch ebenso in engen Freundschaften, Partnerschaften und Ehen, dachte Antonia, dass die Verbundenheit zwischen zwei Menschen über einen längeren Zeitraum hinweg wuchs und sich irgendwann in Liebe verwandelte.

Bei manchen Müttern war es ganz genauso.

So geschah es auch bei Antonia und Lily, denn nach einer Weile gluckste das Baby sie jeden Morgen hocheufreut an und Antonia erwiderte die Begrüßung mit einem strahlenden Lächeln.

Dadurch begann Antonia nach einer Weile, die Worte «Ich liebe dich» tatsächlich in ihrem Herzen zu fühlen. Es geschah über einen längeren Zeitraum hinweg, mit enorm viel Geduld, Willenskraft und Zuversicht.

Mutter und Tochter erschufen ihre gegenseitige Bindung im stillen Einverständnis, und zwar solange, bis sich Antonia ein Leben ohne Lily nicht mehr vorstellen konnte.

Und so kam der wundervolle Tag, an dem Antonia bemerkte, dass sie ihre kleine Tochter wirklich über alles liebte, und dass Liebe manchmal nur etwas Zeit zum Wachsen braucht.

## O AMOR CRESCE COM O TEMPO

— O colo do útero mal dilatou dois centímetros.

— O quê? — Ainda nada? — pergunta Antonia exausta.

— Infelizmente não —, responde a médica.

— Só podemos iniciar a peridural após uma dilatação de cerca de quatro centímetros. Sinto muito, Antonia.

— E isso demora? — murmura Antonia sob fortes dores.

— Não muito. Mas ainda é muito cedo para a anestesia peridural. Se aplicada antes, pode haver complicações no parto.

A médica lança um breve olhar ao monitor.

— Mas não se preocupe, seu bebê está bem.

Antonia olha para o teto e se agarra ao colchão, e então volta seu olhar para o grande relógio na parede. Já são oito da manhã.

— Meu Deus, dói tanto — geme — só quero tomar a peridural.

Antonia sente uma dor infernal no abdômen há mais de oito horas. A dor se intensifica e a cada minuto parece mais aguda e mais profunda. Parece até que o bebê quer rasgar seu corpo em dois.

— Eu não aguento mais! Já chega! Desde meia-noite nasce um bebê após o outro nos outros quartos, e por aqui isso parece não ter fim. Eu quero...

Antonia engoliu as últimas palavras com um enorme nó na garganta e, como tantas vezes nas últimas horas, começou a chorar amargamente. Ela soluça de dor, exaustão, cansaço e desamparo.

“Só quero que esta criança saia”, pensa, e não dava a mínima para como isso se daria.

Logo que chegou ao hospital, Antonia já desconfiou que não seria um parto fácil. Quando ela e o marido chegaram animados à recepção, as enfermeiras sorriram carinhosamente para ela. Uma delas piscou e disse, brincando, que a maioria dos pais de primeira viagem chegam ao hospital cedo demais.

— Venha, Antonia, primeiro vou levá-la para um quarto — disse a enfermeira inocentemente —, então você pode descansar e dar uma dormida.

Mas no momento seguinte, quando Antonia desabou em frente à recepção e seus gritos ecoaram por todo o corredor, a enfermeira se assustou e chamou o médico da ala.

— Tá começando! Já para a sala de parto! — gritou o médico.

Nesse exato momento, quando o ponteiro bateu meia-noite, começaram as piores horas de sua vida, porque apesar de uma luta incansável, o colo do útero não havia dilatado nem um centímetro a noite toda.

Tá começando?

Nada disso.

Embora Antonia tivesse tomado um analgésico leve, ela não sentiu nem um pingão do seu efeito.

— Os médicos estão me dando Buscopan!?! — gritou com raiva. — É sério isso!?! Eu tomo isso para cólica. Essas contrações são mil vezes piores do que minhas cólicas!

A essa altura, deveria ser por volta das quatro da manhã.

Nas horas que se seguiram, Antonia sentou-se em uma banheira de parto para relaxar, mas o colo do seu útero permaneceu duro e fechado. Depois disso, os médicos tiveram a ideia de usar óxido nítrico para aliviar as dores das contrações, mas, passados alguns minutos, Antonia não estava mais gritando na sala, e sim na máscara respiratória transparente.

Era como em um filme de terror.

O remédio que se seguiu, que finalmente deveria dilatar o colo do útero, deixou Antonia com fortes náuseas. Sua doula uma vez lhe disse para comer o máximo possível antes do parto, então tudo saiu em várias golfadas, até a última mordida.

Antonia teve que vomitar cinco vezes, provavelmente por causa da intolerância ao remédio, mas talvez também pelo medo crescente de não sobreviver ao parto.

— Já chega, posso receber a peridural agora? São oito da manhã.

Antonia se endireita decidida e acena para o marido na cama.

— Não aguento mais, Jonas, nada resolve — protesta e olha suplicante para os médicos.

— Por favor... por favor!

Com os olhos vermelhos, Jonas a encara e carinhosamente acaricia sua testa. Ele também parece estar se perguntando como sua esposa vai dar à luz depois de uma noite em claro com o estômago vazio.

— Querida, você vai receber a peridural — ele disse, reconfortando-a —, mas primeiro precisamos de quatro centímetros, ok?

Exausta, Antonia se inclina para trás e cobre a cabeça com o fino cobertor. Durante a gravidez, ela havia ridicularizado todas as mulheres que pediam analgésicos ou mesmo anestesia durante o parto. Com seu otimismo, Antonia estava convencida de que o parto poderia ser feito sem anestesia, e que um pouco de dor fazia parte do processo. Toda a sua família teve partos rápidos e sem complicações e furor. Anestesia, medicamentos e injeções arriscadas na medula espinhal - tudo parecia excessivo para ela. “Afim, há milhares de anos as mulheres dão à luz naturalmente”, Antonia dizia sempre às amigas, “não pode ser tão difícil assim”.

Nunca mais na vida direi esses absurdos, pensa, e se agarra novamente ao fino colchão.

— Eu não aguento mais, quando isso vai acabar? — grita histericamente.

— Antonia, estamos quase lá. Agora preciso mais uma vez que vocês sejam fortes — avisa o médico e olha enfaticamente para Jonas.

Desesperada, Antonia se deita novamente e fecha os olhos enquanto sente a mão do marido acariciando seu punho. Ela se esforça para desviar sua atenção das contrações e se concentrar no toque carinhoso de Jonas.

Esperar, apenas esperar até que tudo isso acabe.

E depois de mais duas horas excruciantes, finalmente chegou o momento: às dez da manhã, seu corpo se compadece dela e dilata o colo do útero quatro centímetros. Um anestesista aplica a injeção salvadora em sua coluna, então ela sente uma agradável dormência se espalhar por suas costas e se instalar suavemente sobre seu umbigo, abdômen e coxas. Antonia olha para Jonas com os olhos cansados e segura sua mão. A dor diminui.

Enfim, paz.

\*\*\*

— Jonas? Você está aí? Estou sentindo... de novo —, gagueja Antonia.

Ela arregala os olhos horrorizada e inclina a parte superior do corpo para a frente. Ainda está na mesma cama, no mesmo quarto, e o colo do seu útero continua fechado. Já se passaram 16 horas desde que chegaram ao hospital e o parto se arrasta pela tarde do dia seguinte. A equipe a deixou sozinha por um tempo para que ela pudesse descansar.

— Com licença? Alguém aí? — grita Antonia na direção do corredor.

— Acho que minha peridural está perdendo o efeito!

Com os olhos horrorizados, Jonas pula da cadeira e corre para o corredor para buscar ajuda. O médico da ala entra na pequena sala com uma prancheta na mão.

— A peridural.... vejamos... Antonia, não pode ser —, diz o médico furtivamente e balança a cabeça.

— Sim, com certeza vem da ocitocina — choraminga Antonia.

— Ei! Minha esposa está com muitas dores —, sibila Jonas em tom raivoso — ninguém simplesmente inventa esse tipo de coisa! Ela está tremendo toda, não está vendo?

— Sim, mas a dosagem deve...

— Chame agora o anestesista — diz Jonas impaciente e se aproxima do médico.

Antonia enxuga uma lágrima da bochecha com a mão e mal mexe os lábios.

*Obrigada.*

Nesse meio-tempo, ela chegou ao fim de suas forças físicas e perdeu completamente sua noção de espaço e tempo. Nunca havia imaginado que o parto de sua filha seria tão lento e doloroso.

Quando o anestesista entra na sala, Jonas corre até ele e pede que verifique o cateter. Com a visão turva, Antonia percebe o que está acontecendo, mas as silhuetas e os rostos vão se confundindo lentamente.

— Minha esposa está com muita dor — ela ouve o marido dizer em tom de reprovação, e então até pensa que o escuta chorar.

No momento seguinte ela sente uma violenta pontada e puxões na parte inferior das costas.

— Como pode uma coisa dessas? — repreende alguém com raiva.

Na verdade, o cateter-guia havia escorregado e a anestesia perdido o efeito.

— O que aconteceu? — pergunta confusa.

— Já vai passar — sussurra Jonas.

Antonia sente vontade de reclamar da equipe médica aos gritos e perguntar raivosamente para todos ali por que razão ela estaria inventando essa dor horrível. Mas logo que consegue recuperar o fôlego, sua fraqueza a faz lembrar de que não valeria a pena usar suas últimas forças para isso.

Ao inclinar a cabeça desanimada para a direita em direção à janela, percebe que está escurecendo.

— A segunda noite — lamenta em voz baixa.

Depois de alguns minutos, o médico da ala entra na sala e se aproxima com um olhar esperançoso.

— Antonia, você já não deve sentir mais nada. A segunda peridural está sendo aplicada.

— Sim, aos poucos está melhorando. Ainda bem.

— Podemos tentar de novo?

— O quê? Como assim? De novo?

— Sim, o seu bebê está bem e o colo do útero está bem dilatado. Acho que chegou a hora.

Antonia olha para a doula, que assente em tom encorajador, e procura uma pista nos olhos cansados de Jonas. “O que essas pessoas esperam”, pensa, depois de ter esgotado todas as suas energias nas últimas vinte horas.

— Pelo menos não sinto mais dores — resmunga.

Ela já não consegue mais ponderar ou reagir de forma adequada, e precisa funcionar só mais uma vez para que esse pesadelo finalmente acabe.

— Por mim, tudo bem.

É quando Antonia percebe que algo dentro dela vai se aquietando cada vez mais e aos poucos vai desaparecendo. Antecipação, impaciência, frustração, esperança e raiva dão lugar a uma estranha indiferença. Antonia não sente absolutamente mais nada. É como se deixasse seu corpo fraco para trás e desligasse sua presença naquele instante com um botão apenas para sobreviver de alguma forma ao parto.

\*\*\*

— Vamos, só mais uma vez! Você consegue!

O parto se arrastou até a segunda noite. Antonia já estava no fim de suas forças físicas no início da noite, mas agora sente como se já não tivesse sequer uma gota de vida.

— Mas eu disse que queria cesárea — soluça Antonia.

Desesperada, ela olha para os rostos borrados do outro lado da cama, mas ninguém a escuta e parece impossível expressar todos os pensamentos perturbadores que passam por sua cabeça.

*Vocês não veem como estou mal?*

*Quanto tempo mais vou me sacrificar por esse bebê?*

*Por que vocês querem me forçar a fazer parto normal?*

A doula se aproxima dela e pega sua mão.

— Só mais uma vez, Antonia! Vamos! Você consegue!

— Não, eu só quero que a criança saia! A segunda peridural já está perdendo o efeito!

Antonia adoraria reclamar mais alto, chorar, gritar e sair raivosamente da sala, mas está presa a um corpo debilitado que mal consegue reagir.

— Já chega! — grita Antonia.

De repente, sente o medo da morte subir-lhe a espinha. Sente como se seu corpo estivesse entrando em um modo de proteção inconsciente, tratando meramente de sobreviver. Pouco antes de desmaiar, Antonia grita novamente as mesmas palavras.

— Eu quero uma cesárea. Me dá aqui o documento... eu vou assinar.

Com os olhos cheios d'água, lança um olhar suplicante para Jonas. Sem precisar de palavras, seu olhar vidrado revela como ela está indefesa e o que precisa ser feito agora.

Jonas acena para ela amorosamente e puxa o médico pelo ombro.

— O doutor não ouviu? Ela quer uma cesárea!

Antonia dá um suspiro de alívio.

— Ouviu? Vamos fazer uma cesárea agora. Minha esposa está em trabalho de parto há duas noites. Agora! Já!

— Vocês têm certeza? Antonia...?

Com um rápido aceno e um gesto com a mão sugerindo uma assinatura, Antonia pede o documento. Uma cesárea era a última coisa que ela queria, mas tudo o que precisa é dar à luz e acabar com essa dor infernal depois de mais de trinta horas.

O papel se dobra suavemente, as letras pretas ficam borradas diante de seus olhos, e, logo depois de assiná-lo, Antonia desaba em transe. Então tudo acontece muito rápido, percebe uma sala diferente, com luzes fortes e rostos estranhos, e depois ainda mais dormência por todo o corpo.

— Agora segura firme — diz a doula a uma certa altura.

— Já acabou?

— Olha só, aqui está a sua filha.

Quando a menina é colocada em seu peito, Antonia tenta com todas as suas forças encontrar o caminho de volta para o presente, mas seus olhos se fecham.

— Querida, você conseguiu — sussurra Jonas.

Algun tempo depois, ela ouve o marido soluçando de alegria ao segurar a filha nos braços pela primeira vez.

— Ela é linda — diz emocionado.

Mas Antonia não consegue dar atenção ao bebê e quase cai em um sono crepuscular.

— Até que enfim— murmura aliviada.

Pouco antes de adormecer, Antonia percebe que segurou a filha no peito pela primeira vez, mas não sente nenhum tipo de alegria ou êxtase, nem felicidade em ser mãe e, sobretudo, nenhum amor.

Nada.

\*\*\*

— Nossa, Antonia! Você precisa dar de mamar! Ela está perdendo peso a cada dia que passa.

A enfermeira coloca um copo d'água ao lado da cama de Antonia e observa a recém-nascida, depois se aproxima do berço e a cobre.

— Obrigada, mas não quero— responde Antonia irritada enquanto revira os olhos.

Nos últimos três dias ela brigou várias vezes com a enfermeira. As duas não se dão bem desde o parto.

— Por que não? Seria o ideal para o seu bebê.

— Porque a Lily vai pegar meu peito com muita força. Meu Deus, amamentar é muito difícil.

— É exatamente esse o problema. Você não está conseguindo amamentar. Ela mal pega no peito.

Com um aceno de cabeça, a enfermeira sai do quarto e fecha a porta.

— Sim, eu sei que estou fazendo tudo errado — murmura Antonia.

Desde que Lily nasceu, Antonia está deitada sozinha em um quarto minúsculo, sem o marido, os pais ou as irmãs. Devido às rígidas medidas de segurança durante a pandemia de coronavírus, todas as visitas estão proibidas.

— Fui tão ingênua... pensei que você só fosse mamar e pronto —, diz ela desafiadoramente à filha.

Lily dorme tranquilamente no berço ao lado de sua cama. Antonia observa a menina por um tempo e de repente estremece.

— Ai!

Uma dor lancinante percorre seu mamilo direito e Antonia cobre a boca com a mão para não gritar.

Ela teme a hora em que a enfermeira voltará e colocará Lily em seu peito para mais uma dolorosa tentativa de amamentação. Isso simplesmente não está funcionando.

A enfermeira disse a ela da última vez, em tom de superioridade, que o leite sairia por si só se ela simplesmente pegasse o bebê corretamente, na posição certa, com muito amor e delicadeza.

— Talvez um bebê perfeito em um mundo perfeito pegue o peito de imediato, mas aparentemente eu não tenho mamilos perfeitos — respondeu Antonia, irritada.

Em razão da cicatriz da cesárea, ela não consegue levantar a bebê sozinha, ficando à mercê da equipe do hospital. Qualquer tentativa de se mover sem ajuda falha miseravelmente. Suas cicatrizes no abdômen ardem e ela tem dificuldade para se mover. Por causa do suor e de ficar ali deitada por dias, seu cabelo ficou tão embaraçado que não consegue mais penteá-lo com uma escova de cabelo normal.

Antonia ainda está vestindo a camisola azul do hospital e sua bolsa cuidadosamente arrumada acabou sendo completamente inútil. Na noite anterior ela quis colocar um novo par de meias, mas seus pés estavam muito inchados. As calcinhas que trouxera pressionavam a cicatriz da cesárea e o decote do suéter de lã estava desconfortavelmente apertado. Ela deveria ter trazido uma blusa de amamentação com um decote largo.

— Provavelmente sou a única que fez tudo errado ao preparar a mala — murmura Antonia —, preciso sair daqui o quanto antes.

Infelizmente, ninguém pode levar nada para ela por causa da pandemia de coronavírus. Pega o celular, mas o deixa de lado com um suspiro. Os telefonemas para sua família não são tão animadores como ela esperava no começo, porque só querem falar sobre a Lily. Antonia ainda espera que alguém pergunte sobre seu estado após um parto de dois dias, em que ela pensou que fosse morrer várias vezes.

*Pobrezinha! O mais importante é que o bebê está bem!*

*Quando você olha para a Lily, você esquece da dor, não é mesmo?*

*Como está indo a amamentação? A pequenina já está pegando o peito?*

Não, diz Antonia mentalmente, esse trauma não desaparece só porque está olhando extasiada para um bebê. É muito cansativo para ela responder se já sentiu o cheirinho dos pezinhos da bebê e se apaixonou completamente. Não, não e não.

Ainda só sente indiferença, exaustão e desprazer em relação à Lily.

Quando a pequenina adormece em seu peito, Antonia não sente o amor maternal incondicional que esperava. Ela ainda sente o terrível parto pesar em seus ossos.

De repente, duas lágrimas correm por seu rosto, e então ela percebe que aprendeu pelo menos uma coisa nos últimos dias: a chorar em silêncio.

O nascimento da sua filha deveria ser o momento mais belo de sua vida, mas agora ela está completamente sozinha e desamparada em um quarto estéril e se sente como uma prisioneira em seu próprio corpo. O contraste entre expectativa e realidade não poderia ser maior.

— Por que sempre eu? — Antonia soluça e se vira para o outro lado, dando as costas para a filha.

Aparentemente, o universo a castiga com sintomas terríveis que nenhuma outra mulher no planeta sofre.

Antonia teve pensamentos semelhantes durante a gravidez, pois sentia sintomas assustadores, sobre os quais ninguém havia lhe contado antes. Quando estava grávida, ela não tinha o famoso “brilho nos olhos”, muito pelo contrário: Antonia se sentia como uma avó doente que começava a ofegar depois de apenas alguns passos e tinha que ficar sentada o tempo todo. Sua pele a deixava completamente enlouquecida e tinha dores nas costas da hora que acordava até a hora de dormir. Também sofria de azia e algo estranho estava acontecendo com seu esfíncter, pois havia horas em que as fezes simplesmente escapavam, indo direto para sua calcinha.

Não, ela nunca tinha lido sobre isso em nenhum *blog* ou livro sobre maternidade.

No curso de preparação para o parto, algumas mulheres admitiram apenas após repetidas perguntas que haviam lidado com problemas parecidos - ou com outras preocupações de que Antonia foi felizmente poupada. Foram as mesmas mulheres que inicialmente falaram de como a gravidez era maravilhosa.

Antonia achou incrível a imagem glorificada da gravidez que circula em grande parte da sociedade - e como a já sofrida vida das mulheres ficou ainda mais difícil com isso. Foi só por meio de constantes pesquisas que ela descobriu gradualmente que nem toda mulher aproveita sua gravidez ao máximo.

Não, nem toda mulher fica feliz com uma barriga redonda e pés inchados.

Muitas mulheres estão mais preocupadas com a questão de quando essa fase desagradável finalmente terminará. Não só durante a gravidez, mas também após o parto.

— Droga, chega dessa conversa fiada — diz Antonia e se levanta da cama do hospital.

Com as mãos trêmulas, ela pega o celular e liga para a irmã. Vanessa trabalha como enfermeira em outro hospital e nada tira sua tranquilidade.

— Vanessa?

— Ei! — diz docemente sua irmã — tudo bem com você?

Antonia morde os lábios. Ela não sabe muito bem o que está fazendo, mas sua voz continua falando sozinha.

— Tudo bem... você pode dormir com a gente esta semana?

— O que foi?

— A alta é só daqui a três dias, mas preciso ir embora. O hospital é horrível e eu quero me recuperar na minha própria cama.

— Ah, tudo bem! A pequenina está bem?

— Sim... é por causa de mim. Estou totalmente sozinha e a Lily... a Lily eu não sei. Simplesmente nada funciona. Eu deveria cuidar dela, mas não tenho ideia de como fazer isso. E eu não sinto nada por ela.

Vanessa fica calada por um momento, e então muda o tom de voz.

— Entendo... me deixa fazer algumas ligações, ok? Estou aqui para o que você precisar e irei para aí o mais rápido possível.

— Obrigada. Eu vou enlouquecer se você não me tirar daqui. Eu me sinto como se estivesse na prisão.

— Vai ficar tudo bem, ok? Vou te levar para casa. Em primeiro lugar, como mãe, você deve estar bem para que sua filha possa estar bem.

— Sim, eu sei —, gagueja Antonia — mas simplesmente não consigo me relacionar com ela. Ela ainda é uma estranha para mim, isso é muito esquisito.

— Não se preocupe, muitas mães se sentem assim. Você não é a única. Por favor, fique na cama e descanse até eu ligar de volta, entendido?

Pela reação da irmã, Antonia percebe que na verdade não é a única mãe que briga com seus sentimentos maternos. Em algumas situações, Vanessa muda sutilmente a forma de falar. O tom de suas palavras soa mais profissional e ela fala com a autoridade de uma pessoa experiente. Ela só faz isso com assuntos com os quais lida com mais frequência na rotina do hospital.

— Tonia, te ligo o mais rápido possível!

— Obrigada — responde Antonia aliviada, depois aperta o celular com as duas mãos e o pressiona contra o peito.

Pela primeira vez desde o parto, sente uma sensação forte subir-lhe a espinha, que ela tenta empurrar novamente para baixo engolindo com força. Mas o turbilhão de emoções vem à tona e, de repente, Antonia percebe que na verdade não sente o mínimo de amor maternal. Há um grande vazio em seu coração, embora ela estivesse tão ansiosa para finalmente ser mãe. Antonia vinha tentando engravidar há anos, e Lily era uma criança muito desejada.

Somente em uma conversa íntima com a irmã ela poderia admitir os pensamentos perturbadores e lidar com eles com seriedade: por que é tão difícil para ela se envolver emocionalmente com o bebê? E mais ainda: como pode uma mãe não amar sua própria filha?

\*\*\*

Como a maioria das mulheres, Antonia supunha que o amor materno se desenvolveria naturalmente com o nascimento de um filho, mas não foi bem assim. Os primeiros dias e semanas em casa foram extremamente cansativos para Antonia, e o grande vazio em seu coração não foi preenchido. Todas as manhãs, ao olhar para a filha, ela se sentia como um robô insensível, trocando as fraldas e as roupinhas, embalando e amamentando mecanicamente o bebê.

Antonia não poderia apontar o dedo para a causa, mas suspeitava que o parto traumático tivesse mexido com sua psique. Haveria ela, nesse meio-tempo, caído em uma espécie de modo protetor do qual não conseguia mais sair sozinha? No entanto, sua irmã disse que mesmo mulheres com um parto descomplicado podem cair nesse buraco emocional.

Talvez Antonia também sofresse de uma depressão pós-parto prolongada por causa da dor persistente durante a amamentação. Quem poderia saber? E que diferença faria dar um nome para esse período sombrio?

Durante a gravidez, Antonia havia lido que uma em cada sete mulheres sofre de depressão pós-parto – mas na época apenas revirou os olhos e logo deixou o artigo de lado. Achava loucura pensar que uma mãe não poderia amar seu próprio filho depois que ele nascesse. Nunca teria pensado que ela mesma poderia ser afetada por isso.

No início do segundo mês, Antonia ainda sentia um vazio enorme a cada novo amanhecer. Sentia que seu próprio corpo era completamente estranho e sempre tinha que tomar cuidado para não fazer movimentos bruscos.

Jonas costumava fazer sua primeira refeição quente por volta da meia-noite. Ele queria livrar sua esgotada esposa de todo o trabalho possível, e ficou com o coração partido de ver como ela estava mal. Ele simplesmente não conseguia se aproximar dela emocionalmente.

Não foi um período fácil para a pequena família.

A mãe de Antonia ocasionalmente expressava suas preocupações: — Você anda estranha, filha. Sinto que você não está mais aqui, sabe?

Mas Antonia apenas dava de ombros sem demonstrar qualquer emoção e rapidamente se concentrou no que era necessário: trabalhar, trabalhar, trabalhar. Trocar fralda, trocar a roupa, embalar, amamentar e tudo de novo.

Apenas com a irmã ela falava secretamente sobre suas dúvidas, e isso já lhe parecia bastante difícil. Não fazia sentido para ela envolver sua mãe e seu marido nisso.

O que os dois poderiam ter feito?

Afinal, todos viam que em sua vida reinava o caos absoluto. Antonia chorava de dor ao amamentar, pois Lily mordida as feridas abertas em seus mamilos, e toda vez que mamava seu corpo tinha espasmos que iam dos pés à cabeça. Antonia mal dormia e não encontrava mais tempo para comer ou tomar banho. A pequena Lily dependia dela 24 horas por dia, 7 dias por semana, porque queria atenção e mamar constantemente.

Além de não sentir um vínculo afetivo com a filha já no segundo mês, Antonia se sentia cada vez mais encurralada. Ocasionalmente, ela espumava de ciúmes quando Jonas saía de casa espontaneamente ou parava na casa de um amigo.

Ir embora e deixar tudo para trás já não seria mais possível para Antonia nos próximos anos. Esse pensamento a aterrorizou e a deixou sem ar.

\*\*\*

Oito semanas após o parto, a situação piorou porque Antonia não conseguiu mais manter a fachada protetora. Isso foi em uma chuvosa tarde de quarta-feira, quando sua mãe havia ido visitá-la. As duas estavam tomando chá e, num dado momento, Antonia se levantou para pegar o açucareiro no armário da cozinha. Foi quando sua mãe viu um grande pacote de leite em pó.

— Nossa, Antonia —, exclamou indignada — você precisa amamentar a sua filha!

Balançando a cabeça em reprovação, colocou a xícara de chá na mesa e esperou que a filha se explicasse.

— Ah, mãe! Me deixa! — respondeu Antonia, irritada.

Com um leve aceno de mão, ela queria descartar o assunto incômodo e continuar falando sobre os problemas cotidianos de sua mãe, agradavelmente triviais.

— Não, é sério! Você não pode usar leite em pó. O que você está fazendo com a sua filha? Meu Deus!

— Mãe —, sibilou Antonia — eu dormi menos de três horas.

— Sua filha precisa do leite materno e dos anticorpos — protestou sua mãe — é como uma vacina natural. Você não quer criar uma criança doente, cheia de alergias.

Nesse momento, Antonia estremeceu de dor. A ferida no mamilo esquerdo, que acabara de formar uma crosta de sangue, inflamou novamente. Antonia entendeu o sinal de alerta de seu corpo.

— Mãe, já chega! — repreendeu. — Na verdade, eu não queria dizer que estava dando um tempo na amamentação porque sabia que você iria me julgar! Até fiquei com vergonha, mas quer saber!?! Eu não me importo. Não preciso fazer nada! Não preciso provar nada para mim mesma e, o mais importante, não preciso provar nada para você. Posso tomar decisões sobre meus seios e meu corpo sozinha e não faço mais nada que me machuque. Fiz isso por muito tempo. Quando eu não quero amamentar, eu não amamento. E ponto final. Isso não significa que eu seja egoísta ou uma mãe ruim.

— Mas Antonia, eu só queria...

— Queria o quê, mãe? Desde que a Lily nasceu, você só pergunta como ela está. Lily, Lily, Lily! Você realmente acha que apenas olhar para o bebê vai me fazer esquecer do parto terrível como em um passe de mágica? Isso é um completo absurdo! Por que vocês esperam que eu finja que esse parto horrível nunca aconteceu? Estou realmente ficando cansada do fato de que tudo tem que girar em torno do bebê. Sofri muito e até pensei que ia morrer.

E nesse exato momento, enquanto Antonia olhava nos olhos vidrados de sua mãe, o nó interno se rompeu com um estrondo. Sua alma se abriu e o “eu” ferido saiu novamente à superfície. Todos os mecanismos de proteção das últimas semanas entraram em colapso e Antonia de repente entendeu que deveria extravasar suas emoções ambivalentes. Ela teve que finalmente abraçar seus sentimentos negativos e reconhecer que seu bebê estava causando decepção, raiva e exaustão de várias formas.

E, acima de tudo, teve que aceitar que, para muitas mulheres, o amor materno não é algo natural.

Ela nunca teria esperado isso, porque seus pais estavam casados e felizes há mais de trinta anos. Desde a infância, Antonia conheceu apenas a harmonia e o apoio incondicional da família - e, no entanto, agora ela não conseguia sentir o amor maternal.

Agora, querendo ou não, ela fazia parte desse grupo de mulheres para quem o amor materno não é algo natural.

As experiências das últimas semanas a haviam ensinado que algumas mulheres precisaram se aproximar lentamente da maternidade para desenvolver amor por seu próprio filho a partir do nada. Não havia como dizer quanto tempo isso levaria. Talvez um mês ou um ano. Tudo o que Antonia sabia era que tinha que ter muito cuidado e paciência, principalmente nesses momentos tão difíceis em que ela não reconhecia mais a si mesma.

— Sinto muito, eu não queria isso — disse sua mãe desanimada, tirando-a de seus pensamentos.— Se você não quer amamentar, é claro que a decisão é sua. Eu não sabia que doía tanto. No mais, está tudo bem?

— Está tudo bem, mãe. — respondeu Antonia gentilmente.

Foi uma luta interior tão cansativa e intensa que só queria colocar toda a verdade nas mãos confiáveis de sua irmã.

Antonia pôs o açucareiro na mesa silenciosamente e se inclinou um pouco para a frente para adoçar o chá. Ao olhar para cima, ela percebe sua irmã parada silenciosamente na porta.

Vanessa havia observado a situação e deu a ela um aceno encorajador.

*Está tudo bem, Tonia, você não precisa contar tudo a ela.*

*Estou aqui para isso.*

— Olha, mãe, uma convidada surpresa!

Com um sorriso meigo, Antonia agradeceu à irmã mais velha e, aliviada, acenou para que ela entrasse na cozinha.

Em seus telefonemas noturnos, Antonia e Vanessa conversaram várias vezes sobre quantas mães travam essa batalha secretamente consigo mesmas - e porque isso era raramente falado nos cursos de maternidade.

\*\*\*

Foi um caminho difícil que Antonia trilhou nas semanas seguintes, mas ela o fez com calma e encarou o desafio em seu próprio ritmo. Após a pausa na amamentação, as tentativas seguintes foram com muita cautela. Sabendo que ela poderia tomar decisões sobre seu corpo e parar quando quisesse, a amamentação fluiu e tornou-se um pouco mais rotineira a cada semana que passava.

Então Antonia quis explorar cuidadosamente como poderia ser o amor por sua filha na vida cotidiana. Queria se acostumar aos poucos com isso. A cada amanhecer, ela tomava uma decisão renovada de amar sua filha e dizia conscientemente as palavras “eu te amo” a ela, mesmo nas horas em que ainda não conseguia sentir nada. Dia após dia, Antonia acreditava cada vez mais que seria uma ótima mãe, embora ainda não pudesse sentir o vínculo intensamente e tivesse que se esforçar para continuar. “Também é assim nas amizades íntimas, nos relacionamentos e nos casamentos”, pensou Antonia, “o vínculo entre duas pessoas cresce com o tempo e acaba se transformando em amor”.

Para algumas mães, foi exatamente isso que aconteceu.

Foi o que aconteceu com Antonia e Lily, porque depois a menina começou a rir alegremente para ela todas as manhãs, e Antonia retribuía a saudação com um sorriso radiante.

Com o passar do tempo, Antonia realmente começou a sentir as palavras “eu te amo” em seu coração. Isso só aconteceu após um longo período, com muita paciência, força de vontade e confiança.

Mãe e filha criaram seu vínculo por meio de um acordo silencioso, a ponto de Antonia não conseguir mais imaginar sua vida sem Lily.

E assim chegou o belo dia em que Antonia percebeu que realmente amava sua filha mais do que tudo, e que às vezes o amor só precisa de um pouco de tempo para crescer e se desenvolver.

## REFERÊNCIAS

BRUCHWITZ, Andrea. Liebe braucht Zeit zum Wachsen. In: BRUCHWITZ, Andrea. *Mama, du bist nicht allein*. Wahre Kurzgeschichten über die Herausforderung des Mutterseins. Munique, 2021. Kindle.

VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente*: um olhar feminista sobre a maternidade. Tradução: Claudio Cruz, Luciana Carvalho, Marina Waquil e Sandra Navarro. São Paulo: Timo, 2021.